

TEORIA DAS CORES

INSTALAÇÃO HISTÓRICA DE ASSUME VIVID ASTRO FOCUS, EM CARTAZ NO BASS MUSEUM OF ART, EXPÕE A MULTIPLICIDADE DE IDEIAS E MÍDIAS QUE MARCOU A VIBRANTE PRODUÇÃO DO COLETIVO NAS ÚLTIMAS DUAS DÉCADAS

POR BETA GERMANO

"N

"Nossa ideia é criar energia. E as cores sempre foram ferramentas para engajar, comunicar e energizar o público", pontua Eli Sudbrack, nome por trás do coletivo assume vivid astro focus (avaf), ao percorrer uma de suas mais icônicas instalações, exposta atualmente no Bass Museum of Art, em Miami Beach. *Assume vivid astro focus – XI* foi idealizada há exatos 20 anos para ocupar o segundo andar da casa de Rosa e Carlos de la Cruz em Key Biscayne – do teto ao chão, passando pelas paredes e todos os detalhes do ambiente –, e agora passa a integrar o acervo do museu norte-americano. Reformulada e atualizada, a instalação, que pertencia ao casal dono de uma das maiores coleções de arte contemporânea dos Estados Unidos e que agora toma o segundo andar do Bass Museum, traz diversos "embriões" de conceitos, elementos e bandeiras que viriam a marcar, desde então, a produção artística do avaf.

O coletivo, destaca o artista, nasceu quando a internet começava a se popularizar e acumulava uma potente carga utópica, principalmente entre grupos historicamente marginalizados e sem voz. "Tínhamos uma nova ferramenta para nos expressar", lembra o artista, conhecido por suas vibrantes obras multissensoriais que hoje fazem parte de acervos como os do MoMA, em Nova York, e do Masp em São



Detalhe de *assume vivid astro focus – XI*, no Bass Museum of Art, em Miami

Paulo. Em sintonia com a mostra, avaf ganha exposição solo na Fredric Snitzer Gallery, também em Miami. Vale conferir *Butch Queen Realness with a Twist in Pastel Colors (BQRWTPC)*, compilação de sete horas de vídeos, que inclui cenas de danças – desde trechos do programa de TV *Soul Train* e videoclipes de Blondie e Grace Jones a competições de vogue no Harlem. “Aquela imagem positiva da internet foi deturpada nos últimos 20 anos. É um comentário sobre essa sociedade hiper-realista e supersaturada que criamos”, explica Sudbrack, cujo currículo inclui parcerias com Lady Gaga e Comme des Garçons, e que se posiciona criticamente perante ideias engessadas de autoria no campo da arte.

Ao lado de uma versão repaginada de *Garden 1*, primeiro papel de parede desenvolvido pelo avaf desde sua fundação, em 2001, um mural estampa os rostos icônicos da cena drag local, como um tributo e um grito contra a lei que proíbe apresentações de drag queens em público aprovada na Flórida, evidenciando a pauta discriminatória que, infelizmente, segue atual. *XI* abrigará ainda programa de performances, reforçando o espírito político da obra. Mais um motivo para mergulhar neste prelúdio multicolorido do metaverso feito para dançar, cantar e imergir. @thebassmoa *

PRIMEIRA VEZ

AS TRÊS GALERIAS BRASILEIRAS QUE ESTREIAM NA ART BASEL MIAMI BEACH ESTE ANO RESGATAM NARRATIVAS DE GRUPOS HISTORICAMENTE OPRIMIDOS E EXPÕEM ARTE COMO PROCESSO DE CURA

POR BETA GERMANO

A

Axé, ancestralidade e ativismo – esse é o Brasil que vai invadir Miami este mês. Entre individuais poderosas e coletivas envolventes, as três galerias nacionais que estreiam nesta Art Basel resgatam narrativas dos povos originários e de grupos sociais historicamente oprimidos, para expor diferentes tipos de agressões, e a arte como processo de cura.

A galeria carioca Portas Vilaseca (@portasvilaseca) escolheu apresentar na feira uma “floresta” de esculturas de Nádia Taquary e Ayrson Heráclito que, diante da nossa história de violência escravocrata, evocam divindades do candomblé para reforçar narrativas de resistência e inspirar mudanças por meio da purificação e reorganização de energias. Sons da natureza e composições inéditas de Tiganá Santana ocupam o espaço conduzindo o visitante a um estado de transe e conexão com reinos invisíveis. “Acredito que este seja um projeto à altura da nossa estreia na Basel de Miami”, celebra o galerista Jaime Portas Vilaseca.

A brutalidade colonial é combatida também pelo MAHKU (Movimento dos Artistas Huni Kuin), cujas pinturas estão expostas na Carmo Johnson Projects (@carmojohnsonprojects), especializada em arte indígena contemporânea. As telas narram vivências na floresta Amazônica e mitologias da cosmologia deste povo, que usa a venda para garantir

direitos básicos dos Huni Kuin – o coletivo já comprou 20 hectares, recuperando parte do próprio território perdido.

Lutas da micro e macropolítica são pontos de partida para o mineiro Randolpho Lamonier desenvolver os trabalhos têxteis presentes na galeria paulistana Verve (@vervegaleria). “Escolhemos o trabalho de Lamonier para entrar na Basel por ser muito atual”, reflete Ian Duarte, sócio da Verve. “É uma obra que sugere reflexões em torno da violência contra a comunidade LGBTQIAPN+”, completa. Na feira, o artista apresenta a série *Haiku Agridoce*, em que cruza o tradicional haicai japonês com naturezas-mortas holandesas usando tecidos e estampas; e suas célebres *Profecias*, compostas por estandartes costurados e bordados em tecido com mensagens que falam de política trazendo previsões e reivindicações para o futuro. *

Tela *Kapewe Pukemibu* (2024), do coletivo MAHKU. Ao lado, *Euvé* (2020), de Nádia Taquary

